

INFORME ECONÔMICO

■ GUILHERME BARROS

A falta que faz Simonsen

Que falta faz o ex-ministro Mário Henrique Simonsen. Há anos, economistas de várias tendências reclamam do imobilismo do governo de nada fazer contra o déficit público, apontado como o maior vilão da economia brasileira. Pois bem, o governo anunciou sexta-feira um pacote fiscal com as medidas possíveis de serem tomadas, e a reação do mercado não poderia ser mais *blasé*.

Todos sabem que o combate ao déficit público não é fácil. Pelo contrário. É uma luta de trincheiras e cada palmo de terra ganho nessa luta tem que ser contabilizado. Tem imensos custos políticos e, mesmo assim, em plena campanha pela reeleição, o governo demite pessoal e extingue empresas.

O economista Raul Velloso, um dos maiores especialistas em déficit público no país, concorda com a tese de que a receptividade do mercado foi bastante fria, apesar da extensão dos cortes. "O governo começou a arregaçar as mangas", diz Velloso. O economista destaca principalmente três medidas que não foram ressaltadas, mas que são fundamentais para o futuro da economia. A primeira é de que o governo vai encaminhar ao Congresso emenda constitucional simples pedindo a prorrogação do Fundo Social de Emergência até 1997. A segunda é que os recursos obtidos com a privatização só poderão ser utilizados para abater a dívida interna. Ou seja, a ameaça de que parte dos recursos da Vale do Rio Doce seria dividida entre seis estados não existe mais. E, em terceiro, o pacote fixa — pela primeira vez — uma meta de déficit público para um ano: de no máximo 2,5% do PIB para 1997. Até então, o governo só fixava metas naqueles acordos fictícios que assinava com o FMI em tempos passados.

Pode-se argumentar, de acordo com Raul Velloso, que o governo demorou a tomar essas medidas e demorou mesmo, mas foi porque depositou muitas fichas nas chamadas reformas constitucionais. Perdeu muito tempo. Havia esse espaço das reformas infraconstitucionais. O pior é que as reformas constitucionais não iriam — e não vão, caso sejam aprovadas em algum momento — ser essa panacéia que muitos dizem que será. Que ajuda, sem dúvida que ajuda, principalmente a reforma da Previdência. Até porque se nada for feito nessa área, quebra a Previdência.

De fora, a reação ao pacote também foi extremamente positiva. "É sinal de que o governo está com o dedo no pulso do paciente", diz Armínio Fraga Netto, sócio do Soros Fund. "De minha parte, só tenho que aplaudir."

Nesses momentos é que se vê a falta que a voz de Simonsen faz.